

Vera Mantero (Dança)

Nasceu em Lisboa em 1966. Estudou dança clássica até aos 18 anos. Foi bailarina do Ballet Gulbenkian (1984/1989). Em Nova Iorque e Paris estudou técnicas de dança contemporânea, voz e teatro, fazendo então um corte com a sua formação clássica.

Como bailarina trabalhou em França com Catherine Diverrière. Começou a coreografar os seus próprios trabalhos em 1987, e desde 1991 tem mostrado as suas peças em teatros e festivais na Europa, Brasil, EUA, Canadá e Singapura. Em 1999 a Culturgest organizou uma retrospectiva do seu trabalho. Nesse ano funda a estrutura O Rumo do Fumo. Participa regularmente em projectos internacionais de improvisação. Recentemente tem orientado cada vez mais workshops de criação/composição e improvisação tanto em Portugal como no estrangeiro.

Desde o ano 2000 tem vindo a dedicar-se cada vez mais ao trabalho de voz. O espectáculo *Vera Mantero e Pedro Pinto interpretam Caetano Veloso* já foi apresentado em várias cidades da Europa. Com Nuno Vieira de Almeida apresentou os espectáculos *Vera Mantero canta os americanos...* com Nuno Vieira de Almeida e *Is That all there is ? Then Let's Keep dancing...* em várias cidades do país. Participa igualmente nos projectos de música experimental/spoken word "*Separados Frutos*" do qual fazem parte os músicos Nuno Rebelo, Ulrich Mitzlaff e Manuel Guimarães e "*So Happy Together*", juntamente com Vítor Rua e Nuno Rebelo.

Representou Portugal na 26ª Bienal de S. Paulo 2004 em parceria com o escultor Rui Chafes com a peça "*Comer o Coração*". No ano de 2002 foi-lhe atribuído o Prémio Almada (IPAE/Ministério da Cultura Português) pela sua carreira como criadora e intérprete.

Para ela a dança não é um dado adquirido, acredita que quanto menos o adquirir mais próxima estará dela, usa a dança e o trabalho performativo para perceber aquilo que necessita de perceber, vê cada vez menos sentido num performer especializado (um bailarino ou um actor ou um cantor ou um músico) e cada vez mais sentido num performer especializadamente total, vê a vida como um fenómeno terrivelmente rico e complicado e o trabalho como uma luta contínua contra o empobrecimento do espírito, o seu e o dos outros, luta que considera essencial neste ponto da história.